

ENTRE A TRADIÇÃO E A SOLIDÃO – LEITURA SOBRE A VELHICE A PARTIR DE DOIS CONTOS

Profa. Ms. Etienne Mendes Rodrigues (FIP-PB)

Resumo:

Na produção do romancista e contista moçambicano Mia Couto, inúmeras são as narrativas cujas personagens são velhas. Estas, por sua vez, estão, quase sempre, em meio aos mais jovens, transmitindo-lhes alguma sabedoria ou, tão somente, sendo alvo de uma profunda solidão. Na literatura brasileira, também percebe-se uma galeria de personagens velhos. Neste trabalho, apresentaremos uma leitura comparativa dos contos “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, do livro *Cronicando*, de Mia Couto (1991); e “Lembrança”, que integra a obra *Tarde da noite*, de Luiz Vilela (1998), observando como a velhice está retratada e que sentidos assume nas duas narrativas. Como embasamento teórico, recorreremos às reflexões de Bosi (1994), Mascaro (1997), Carvalhal (2003) dentre outros.

Palavras-chave: Mia Couto, Luiz Vilela, Narrativa, Velhice.

1. Introdução

O conto “Sangue da avó, manchando a alcatifa” narra a história de Carolina, uma senhora que fora levada para a cidade por seus parentes. Inicialmente, Carolina admira-se do luxo em que eles viviam, e orgulha-se disso, mas logo passa a questionar, a si e aos familiares, sobre a necessidade de tanta ostentação, exagero e desperdício e por que aquilo não era dado a todos os que lutaram pela independência de Moçambique. Os parentes, já cansados de tanta pergunta, põe-lhe diante da televisão por horas a fio; nessas horas, ela lembra do tempo em que vivia na aldeia; do tempo em que todos juntavam-se ao redor da fogueira para contar histórias. Quando levada a passear, Carolina assustava-se com o que via: “meninos esfarrapados”, miséria por todo lado.

Certo dia, diante de uma notícia de guerra na televisão, a personagem destrói o aparelho com sua bengala, espalhando estilhaços de vidro por toda a sala. Subitamente, sem que ninguém tivesse se cortado, gotas de sangue foram tomando conta do ambiente. De acordo com o narrador, “Era sangue da avó, gotas antiqüíssimas... em vermelha acusação”. Depois do episódio, e os parentes convencidos de que Carolina não se acostumaria à cidade grande, a velha retorna à sua terra. No entanto, a mancha de sangue permaneceria por longa data, porque, segundo um feiticeiro, “era sangue da terra, soberano e irrevogável como a própria vida”.

Já o conto “Lembrança”, do escritor mineiro Luiz Vilela, narra a história de um senhor de setenta anos que também fora adotado pela família. Pouco se sabia sobre

seu passado, mas, de acordo com narrador, ele era “um velho limpo”, que só usava camisas brancas, “não era chato”, “não incomodava”, “quase não falava”, “seus gestos eram firmes e suaves, e quando ele andava, não fazia barulho”. Colocado no quatinho dos fundos, de vez em quando saía com o neto a passear, admirando a paisagem. Certo dia, sem nenhuma justifica aparente, o velho é encontrado em seu quarto com os pulsos e garganta cortados e uma faca enterrada no peito. O sangue espalhara-se por todo o quarto, e sua camisa, que sempre fora de um branco impecável, ficou machada de vermelho para sempre (pelo menos na memória do narrador, o neto já adulto).

Neste trabalho, apresentaremos uma leitura comparativa dos dois contos, observando como a velhice está retratada e que sentidos assume nas duas narrativas. A análise pontual revelará também aspectos da cultura que plasma o contexto de cada narrativa e, conseqüentemente, diferentes formas de vivenciar a solidão. Como embasamento teórico, recorreremos às reflexões de Ecléa Bosi (1994) e Sonia Mascaro (1997), sobre a condição do velho na sociedade contemporânea, com destaque para a vivência da solidão. Quanto à abordagem comparativa, nos respaldamos nas considerações de Tânia Franco Carvalhal (2003), com destaque para a compreensão da disciplina não mais de uma perspectiva que visa evidenciar “influências”, e sim naquela segundo a qual o comparatista deve enfatizar mais “as relações de valor” (*rapports de valeur*) em detrimento das “relações de fato” (*rapports de faits*).

2. Estabelecendo relações

Carvalhal (2003), refletindo sobre as novas feições que a intertextualidade vem assumindo ao longo do processo de elaboração dos textos, afirma que “a noção de intertextualidade nos permite incluir as anônimas práticas discursivas da cultura como elementos que permitem a uma obra produzir efeitos de sentido”. Desse modo, alguns textos estariam interligados não apenas por relações de influência, ou de paródia, paráfrase etc, mas também pela aproximação ou distanciamento ante estas práticas discursivas. Diante desse fato, a estudiosa considera que esse novo modo de compreender a intertextualidade “contribui também para que o comparatista menospreze as ‘relações de fato’ [os tradicionais *rapports de faits*, que deveriam ser comprovadas concretamente por ‘relações de valor’ (*rapports de valeur*), cuja comprovação será textual e não histórica.” (CARVALHAL, 2003, p. 77)

Nos dois contos, cujos enredos foram apresentados anteriormente, um primeiro aspecto que salta aos olhos é a presença de velhos como personagens principais; no entanto, algumas singularidades os diferenciam. No conto miacoutiano, o velho é uma mulher, Carolina. O narrador, em terceira pessoa, refere-se a ela de dois modos – “a avó” e “a velha” –, mas quase sempre o que prevalece é seu verdadeiro nome. Embora não se saiba sua idade exata, o narrador informa que se trata de alguém que “estava bastante cheia de idade”. Já em “Lembrança”, o personagem principal é um homem de setenta anos que não é nomeado, sendo sempre referido pelo narrador como “meu avô”.

Sobre Carolina, sabe-se que fora levada para Maputo “por razões de guerra”; além do que vivia na pobreza e já estava com a idade um pouco avançada. Em suma, “Carolina merecia as penas” (COUTO, 2002, p. 25). A respeito do personagem do conto de Luiz Vilela pouco se sabe; o narrador dá apenas algumas pistas: “que cedo ainda a mulher o abandonara... que ele tinha visto um filho morrer... que tinha sido pobre e depois rico e depois pobre de novo. Que durante sua vida uma porção de gente o havia traído e ofendido e logrado” (VILELA, 1988, p. 08). O personagem de Vilela também habita a casa de parentes, mas não se conhece nenhuma razão que o tenha levado para lá, possivelmente, o fato de não ter mais ninguém nem outro espaço que habitar. Isto é, do mesmo modo que no outro conto, o personagem “merecia as penas”.

Nos dois contos, os protagonistas ocupam um espaço por pura “solidariedade” dos mais jovens, não exercendo nenhuma função ou algo que lhes atribuisse um sentido maior à velhice, à vida; sobretudo no conto miacoutiano, fica clara uma completa mudança de paradigma com relação às pessoas mais velhas quando, com relação às sociedades antigas, “a avó, quando existente, podia exercer um papel social importante na família. No império romano, as famílias ricas confiavam sua casa de campo ou seus filhos aos cuidados da avó ou de uma parente idosa, virtuosa e responsável.” (MASCARO, 1997, p. 27)

Uma vez na casa de seus familiares, Carolina sempre questionava sobre o luxo que abarrotava aquele espaço. Como resposta, a senhora era colocada diante da televisão com os outros que ali moravam, ou, noutras ocasiões, é levada a passear e a fazer compras, mas nada que a convencesse do que ela realmente gostaria de saber. Em “Lembrança”, a respeito de nada o personagem questiona, ao contrário, “não

incomodava ninguém”, “quase não falava”, limitando-se ao seu espaço, no “quartinho dos fundos”. Silenciar para alguém, muitas vezes, é indício de que se está ignorando o outro; nos dois casos apresentados, o silêncio aponta para a falta de importância que os velhos têm para a família, para a sociedade, o que gera uma profunda solidão.

Se, por um lado, ser colocado no quartinho dos fundos revela, de forma explícita, a exclusão a que o velho é submetido, ser esquecido diante da televisão nos parece ainda mais agressivo, porque a exclusão torna-se camuflada, isto é, no caso de Carolina, a televisão serve apenas para tentar fazê-la esquecer as questões que tanto lhe atordoam e também para ignorar seus questionamentos. Além disso, a televisão, assim como os outros bens de consumo diante dos quais a personagem é colocada serviam como subterfúgios para que ela relevasse a solidão e, sobretudo, para que ela não importunasse os demais membros da família.

Por um instante, a televisão assume um papel importante na vida de Carolina, qual seja fazer a personagem rememorar os tempos em que vivia na aldeia, quando as pessoas juntavam-se ao redor da fogueira para ouvir e contar histórias. Aquele objeto luminoso por alguns instantes tem o poder de agregar as pessoas, mas sem o calor humano, a troca de experiências que o contar histórias ao redor da fogueira favorecia.

Observando esses dados, percebe-se que, nas duas narrativas, os personagens merecem, até certo ponto, a compaixão dos mais jovens, quando estes lhes oferecem um lar. Por outro lado, oferecer um lar não significa dotá-lo de atenções, mínimas que sejam, que alguém com mais idade (ou com qualquer idade) necessita. Nesse sentido, as palavras de Bosi (1994, p. 78) são bem pertinentes, quando a estudiosa, refletindo sobre a situação do velho nas sociedades industriais, afirma que

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito.

Em “Sangue da avó...”, percebe-se essa falta de reciprocidade tanto da parte dos adultos da casa quanto dos mais jovens. O colocá-la diante da TV é a forma encontrada para neutralizar a possibilidade do confronto, que, no caso, se constitui na

problematização do avanço no mundo do consumo. O desencontro da velha com a família se dá no plano social, uma vez que ela traz um projeto de vida em que estão postos os ideais da revolução popular: distribuição de renda, combate à desigualdade social, etc. Quando ela observa as crianças abandonadas, renasce dentro dela seus ideais. Em “Lembrança”, aliás, o neto é a única pessoa que designa tempo e atenção ao velho; nesta narrativa não há nenhum confronto explícito com a família – há um silencioso afastamento. Entretanto, percebe-se um profundo sentimento de amizade e admiração da criança (e também do narrador quando adulto) com relação ao avô – o garoto fala do avô como “um homem limpo”, de “gestos firmes”.

Outra elemento/imagem bastante forte que comparece nos dois contos é o sangue. No conto de Mia Couto, simbolicamente, ele escorre da televisão quando Carolina atira sua bengala contra o aparelho, durante um noticiário que transmitia informações sobre a guerra. Embora a personagem justifique sua atitude dizendo que bandidos estavam passeando na sala, numa reação contra aquelas imagens de violência, ela rebela-se, sobretudo, contra o fascínio que a televisão despertava nas pessoas. Seu gesto pode ser lido como resistência ao modelo social ao qual foi submetida. Após este gesto, sente-se aliviada e volta para sua terra.

Em “Lembrança”, o sangue que mancha o quarto, a camisa do velho e a lembrança do neto, é o sangue do avô ao suicidar-se. Se, quando vivo o personagem fora relegado ao esquecimento, ironicamente, a mancha de seu sangue fará com que, mesmo depois de morto, as pessoas nunca dele se esqueçam, pois, “Tinha sangue por toda parte. O lençol estava vermelho. Tinha uma poça no chão.” O sangue também se espalha no espaço em que o velho vivia confinado: “Tinha sangue até na parede... pensei que, mesmo que ela [a camisa] fosse lavada milhares de vezes, nunca mais poderia ficar branca.” (VILELA, 1988, p. 08)

Nas duas narrativas, o sangue parece assumir uma conotação simbólica, uma vez que aponta para uma forma de resistência dos personagens marginalizados.

3. Conclusão

Nos dois contos selecionados para este trabalho, os velhos vivenciam uma experiência comum: a solidão, nascida ora do isolamento, ora da mudança repentina de

um estilo de vida e da tentativa de imposição de um modelo consumista. No entanto, eles reagem a ela de forma diferente: em “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, a personagem resolve a questão pela não aceitação, pelo enfrentamento e pelo retorno à sua terra, seus hábitos, sua tradição. Já em “Lembrança”, sem uma terra, ou qualquer outro artifício que alivie sua exclusão, o personagem “resolve” a situação pelo trágico; a morte, nesse caso, parece a única alternativa viável para o personagem.

Nas duas situações retratadas, percebe-se uma profunda mudança no papel que os velhos têm na sociedade capitalista. O valor da velha – seu compromisso com o sentido social que a revolução teve de busca igualdade social, bem como o seu desejo de contar história são completamente ignorados. O não ter espaço para narrar, para transmitir sua experiência, seu saber do mundo é um tipo de silenciamento doloroso para o velho. Essa ausência de lugar e de ouvinte gera uma reação dura e simbólica da personagem, que favorecerá seu retorno e o consequente esquecimento por parte dos seus ou o fato de tornar-se uma fonte de mangofa. Isto é, seu gesto vira motivo de riso e nenhuma vez se põe em questão sua motivação. No caso do avô – há apenas um neto que passeia com ele. Mas, da família, recebe só o silêncio.

Embora as duas narrativas estejam em contextos diversos, possibilitam observar a condição do velho – homem ou mulher – como aquele/a que não tem mais um valor – por que não produz? Por que não tem mais um papel, como criar netos, etc? – e está, portanto, marcado pela solidão no momento em que mais necessita de afeto, de atenção? E esta condição, como mostram os dois contos, se configura tanto em grupos emergentes – o caso da velha – quanto em grupos mais pobres – no caso do velho. Os dois contos nos fazem refletir sobre a desumanidade a que a sociedade contemporânea tem para com os idosos. Com linguagem poética, com bastante concisão, somos colocados diante de situações que revelam as fragilidades das relações humanas nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de Literatura Comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

XII Congresso Internacional da ABRALIC
Centro, Centros – Ética, Estética

18 a 22 de julho de 2011
UFPR – Curitiba, Brasil

COUTO, Mia. *Cronicando*. 8.ed. Lisboa: Caminho, 2002.

MASCARO, Sonia de Amorim. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos)

VILELA, Luiz. *Tarde da noite*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1988.

Profa. Ms. Etienne Mendes Rodrigues
Faculdades Integradas de Patos – FIP
etienemrodrigues@hotmail.com